

ALEXANDRE I, FILHO DE AMINTAS: A NARRATIVA HERODOTIANA E A ETNICIDADE MACEDÔNIA NAS GUERRAS GRECO-PÉRSICAS*

*Alexandre Santos de Moraes***

*Mateus Mello Araujo da Silva****

Resumo:

No Livro VIII de **Histórias**, Heródoto relata a chacina dos emissários persas ocorrida no palácio do rei Amintas, da Macedônia. A questão da helenicidade dos macedônios foi objeto de inúmeras polêmicas no mundo antigo. Em nosso artigo, analisamos os recursos discursivos que o historiador utilizou para se associar aos esforços de helenização dos macedônios em meados do século V a.C.

Palavras-chave: Heródoto; etnicidade; interdiscurso; tradição épica.

ALEXANDER I, SON OF AMYNTAS: THE HERODOTIAN NARRATIVE AND MACEDONIAN ETHNICITY DURING GRECO-PERSIAN WARS

Abstract: In Book VIII of **Histories**, Herodotus describes the slaughter of Persian emissaries at the palace of king Amyntas of Macedon. The hellenicity of the Macedonians was a contentious issue in the Ancient world. In this article we analyze the discursive resources used by Herodotus as part of broader efforts to hellenize the Macedonians in the mid-fifth century B.C.

Keywords: Herodotus; ethnicity; interdiscourse; epic tradition.

* Recebido em: 30/06/2016 e aceito em: 01/08/2016.

** Professor adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (Nereida/UFF) e do Laboratório de História Antiga (Lhia/UFRJ). E-mail: asmoraes@gmail.com

*** Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (Nereida/UFF). Bolsista de Iniciação Científica/Pibic-CNPq.

Considerações sobre o tema da etnicidade

No início da tragédia **Os persas**, Ésquilo narra um pesadelo da rainha Atossa, mãe de Xerxes e esposa do então falecido rei Dario. Duas mulheres idênticas, que superavam em porte e formosura as mulheres de então, pareciam motivadas por um rancor recíproco. Uma delas vestia trajes dóricos, a quem coube residir na Hélade; a outra estava adornada com *péplos* pérsico e habitava, segundo o tragediógrafo, a região dos bárbaros. Tentando apaziguá-las, Xerxes lança rédeas sobre ambas e recebe respostas distintas. A persa se comporta de modo absolutamente cordato, oferecendo passivamente à brida a boca dócil. A helênica, contudo, reage intempestivamente, se agitando de tal forma que rompe o morso e faz Xerxes tombar (ÉSQUILO. **Os persas**, vv. 176-214). Duas mulheres idênticas na forma, mas diferentes no modo de agir: a primeira, apoderada pelo medo, submete-se ao domínio. A segunda, diferentemente, não admite a perda de sua liberdade e investe contra a tentativa de dominação.

A resistência grega contra as invasões dos persas é comumente admitida como o evento decisivo para a conformação de um ideal pan-helênico. A peça de Ésquilo, que em 472 a.C. colocou em cena personagens exclusivamente bárbaros – representados, obviamente, do ponto de vista ateniense –, é um dos espaços privilegiados para reconhecer o sentimento de pertença à Hélade que os esforços de Xerxes acabaram por estimular. É óbvio que o pan-helenismo¹ não foi uma invenção ou o desvelamento de algo sub-reptício que, desde tempos imemoriais, rondava o imaginário grego esperando o momento oportuno para eclodir, mas é preciso notar que o evento histórico representou uma etapa decisiva para boa parte das *póleis* gregas. Edith Hall prudentemente observou que o corolário que a tragédia de Ésquilo aborda tem a ver com a “manutenção da imagem de um inimigo comum a todos os helenos, o etnicamente diferente, o antigrego, o bárbaro” (HALL, 1989, p. 60). Jonathan Hall, em perspectiva semelhante, considera que, entre os períodos arcaico e clássico, deu-se uma mudança no *mecanismo* de autodefinição étnica. De acordo com o autor,

a identidade étnica raramente pode ser salientada na ausência de um grupo externo [outgroup] contra o qual um grupo étnico pode definir a si próprio através de um processo comparativo intergrupal. Foi precisamente isso que aconteceu após as Guerras Pérsicas. Pela estabilização de um estereótipo, generalizando a imagem

do bárbaro exótico, servil e pouco inteligente, a identidade grega pode ser definida “pela exclusão”, através da oposição com esta imagem da alteridade. (HALL, 2004, p. 47)

Essas análises se mostram concordes com o famoso discurso presente no Livro VIII de **Histórias**, no qual Heródoto nos fala sobre as razões que inviabilizavam a possibilidade de acordo entre atenienses e persas. Essa passagem foi amplamente tomada como sendo a síntese dos critérios basilares para a definição das identidades étnicas dos gregos. Segundo o historiador, pesava a necessidade de vingar os incêndios e a destruição dos templos e ornamentos religiosos; considerar-se-ia também a unidade dos helenos pelo sangue e pela língua; por fim, o fato de terem as mesmas práticas religiosas e maneira de viver (HERÓDOTO. VIII, 144). As reflexões tendem a enfatizar o reconhecimento de parte desses critérios, elencados a título de símbolos diacríticos discerníveis na documentação escrita para a observação das diferenças. Admitidos como paradigmas para a distinção entre civilizados e bárbaros no mundo grego do século V a.C., os persas são frequentemente elencados como a alteridade perfeita para pensar a helenicidade.

Destarte, é preciso considerar que, no entremeio do primado que a ideia de raça ocupou durante longos anos nessa discussão e as teorias mais recentes que assumiram o subjetivismo como medida para pensar a identidade étnica, há um gama inexaurível de negociações e conflitos que permitem que os grupos reivindiquem sentimentos de pertença conforme as exigências ou possibilidades impostas pelas condições materiais ou políticas. Daí a necessidade premente que se instaurou, desde a publicação dos trabalhos de Fredrik Barth, de “deslocarmos o foco da investigação da constituição interna e da história de cada grupo para as fronteiras étnicas e sua manutenção” (BARTH, 2000, p. 27). Nesse caso, as formas culturais são admitidas como universos de possibilidades que os agentes, por razões históricas ou circunstâncias específicas, podem mobilizar para se posicionarem em uma unidade étnica. Além disso, e ainda com Barth (2000, p. 33), vale a nota sobre a ênfase na atribuição como característica fundamental para o estudo e reconhecimento dos grupos étnicos.

Em síntese, no lugar de uma busca objetiva da série de critérios capazes de definir a pertença ou não a determinados grupos étnicos, deve-se optar pela análise do uso que os grupos étnicos fazem desses critérios, dado que sua constatação é autorreferente. É por essa razão que, ao longo do tem-

po, diferentes etnicidades foram se consolidando na Grécia antiga. Como exemplo, cabe recordar, a partir de Lynette Mitchell, que os atenienses reivindicavam para si o estatuto de “os primeiros entre os gregos” graças à posição de destaque assumida por eles na resistência contra os persas (MITCHELL, 2007, p. 83). A inexistência de unidade política ao longo de toda a história grega implica considerar que as relações entre as *póleis* eram assimétricas, variando em função das diferenças econômicas, políticas e mesmo culturais. Os grupos étnicos não eram monolíticos, devendo antes, como aponta Ciro F. Cardoso (2002, p. 79), ser observados a partir de, pelo menos, três níveis: o menor, considerando cada *pólis* como uma unidade particular; o intermediário, referente às divisões dialetais associadas a diferentes mitos de origem (dórios, jônios, eólios, arcado-chipriotas); e o mais amplo, no âmbito da oposição entre helenos e bárbaros.

Exploramos neste artigo o último nível, o entre gregos e bárbaros, não para discernir os símbolos e atributos culturais que poderiam caracterizar cada uma das partes, mas para compreender a utilização das formações culturais que são evocadas em situações-limite de negociação. Analisaremos um episódio específico envolvendo o contato de persas e macedônios, narrado por Heródoto, buscando discutir a posição dos segundos diante das guerras contra os persas.

As tensões na Macedônia e as estratégias de Alexandre I

Considerando a atribuição como critério primeiro para defender a construção e manutenção das fronteiras étnicas, é desejável que a análise contemple os discursos dos agentes envolvidos. Porém, no período das Guerras Greco-Pérsicas (490 e, posteriormente, 480 e 479 a.C.), a documentação literária disponível acerca dos macedônios assume o ponto de vista ateniense – em nosso caso, através da obra de Heródoto, cuja leitura é tradicionalmente datada em 445 a.C.² Apesar disso, como veremos, há evidências bastante sugestivas que contribuem para a discussão, mas isso não abona a necessidade de considerar a dimensão mediada dos olhares sobre a etnicidade em debate.

Admite-se que a posição dos macedônios em relação à Hélade foi com bastante frequência flutuante, variando em função das circunstâncias e das atitudes (MITCHELL, 2007, p. 205; MALKIN, 2001, p. 194-198). Por um lado, com base nas associações políticas, observa-se, com Johannes Engels,

que o rei Dario I recebia tributos regulares de Amintas por volta de 510 a.C., e a Macedônia constava nas inscrições reais da Pérsia entre os povos subjugados ao Grande Rei (ENGELS, 2010, p. 87). Por outro lado, a partir de critérios puramente linguísticos, como identificou Jonathan M. Hall, é possível reconhecer o uso padrão do *Koinē*, derivado do dialeto ático, nos documentos epigráficos da administração macedônia a partir do IV a.C. (HALL, 2001, p. 161). No caso das fontes atenienses, certa ambivalência se faz visível com os macedônios sendo tratados, por vezes, como gregos do norte (*Hellenes*), como bárbaros ou como um grupo intermediário entre os gregos puros e os totalmente bárbaros (ENGELS, 2010, p. 84). A narrativa herodotiana é bastante significativa para discutirmos essas tensões.

Heródoto conta que, após subjugar os peônios, o comandante Megabazo envia à Macedônia uma delegação de sete persas, homens destacados do exército. Através deles, o rei Dario pedia água e terra ao rei Amintas, que governou a Macedônia de 540 a 498 a.C. O pedido representava um aspecto da política expansionista dos persas, simbolizando a submissão da Macedônia. Amintas mostrou-se disposto a aceitá-lo e ofereceu hospitalidade (*xenia*): preparou para os emissários um repasto magnífico (*megaloprepés*) e ofereceu acolhimento *philophron*, amistoso (HERÓDOTO. V, 18, 1). Ao fim do banquete, ébrios pelo vinho, os persas falaram a Amintas:

Antfitrião da Macedônia, é hábito entre os Persas, quando se oferece um banquete em grande, que as concubinas e mesmo as esposas legítimas sejam chamadas a tomar lugar à mesa. Pois bem, tu, que nos recebeste com tanta amabilidade, que nos tratastes com todo o requinte e dás ao rei Dario terra e água, segue também essa nossa prática. (HERÓDOTO. V, 18, 2)

O convite era um acinte aos costumes macedônios, que, tal como os gregos, separavam homens e mulheres por ocasião dos banquetes.³ Amintas fez questão de frisar essa diferença, mas diante da ameaça diplomática que a recusa poderia trazer, satisfez a pretensão dos hóspedes. Após convocar as jovens, fez com que se sentassem uma ao lado da outra e de frente para os persas. Os emissários de Dario não se deram por satisfeitos e pediram a Amintas que ordenasse que elas se dispusessem não à frente, mas ao lado deles. Ainda receoso com a ameaça e “compelido pelas circunstâncias, Amintas mandou as mulheres passarem-se para o lado deles, o que elas fizeram” (HERÓDOTO. V, 18, 5). Bêbados, os persas não tardaram a apal-

par os seios das mulheres macedônias e alguns tentavam beijá-las. Apesar de indignado (*dysphorēō*), Amintas ficou impassível, envolvido pelo medo. Dá-se, porém, que Alexandre, seu filho, estava presente e, após controlar-se por um tempo, interpelou furiosamente o pai:

Tu, meu pai, respeita as exigências próprias da idade que tens. Retira-te, vai descansar, não fiques para os brindes. Fico eu aqui, para me encarregar de tudo de que os nossos hóspedes precisarem.
(HERÓDOTO. V, 19, 1-2)

Amintas percebeu que Alexandre preparava algum golpe e tentou dissuadi-lo, mas acatou o conselho e acabou por se retirar. Não tardou para que o novo anfitrião pusesse seu plano em prática. Dirigindo-se aos persas, disse que as mulheres estavam à disposição caso quisessem fazer amor com elas, mas sugeriu que, antes do intercuro, permitissem que elas se retirassem para um banho (HERÓDOTO. V, 19, 2). Os persas assentiram e permitiram que Alexandre desse início ao plano de vingança: ele próprio fez vestir jovens imberbes com roupas femininas em igual número às mulheres que se ausentaram. Armou-os com um punhal e mandou-os para a sala. No momento em que entravam, disse Alexandre aos persas:

Persas, foi-vos dispensado um acolhimento generoso, a que não faltou nada; tudo o que tínhamos, ou mesmo o que conseguimos arranjar para pôr à vossa disposição, tudo vos foi oferecido. Mais ainda – o que está para além de todas as regras – entregamo-vos as nossas mães e irmãs, de modo a fazer-vos compreender bem que vos prestamos a homenagem que vocês merecem; vão dizer ao vosso rei, que cá vos enviou, que um grego [hellên], governador da Macedônia, vos deu um acolhimento perfeito de mesa e de cama.
(HERÓDOTO. V, 20, 4-5)

Quando os persas tentaram apalpar o simulacro de mulheres, os jovens agiram. Todos foram mortos, incluindo o séquito que os acompanhava. Mais tarde, os persas decidiram investigar o desaparecimento de seus homens e enviaram Bubares, filho de Megabazo, para ter notícias. Alexandre contornou o risco da acusação com uma grande soma de dinheiro e oferecendo a própria irmã, Gigeia, em casamento. (HERÓDOTO. V, 21, 2)

Ao fim do relato, Heródoto associa Alexandre I a Perdicas, fundador da Macedônia que reinou no séc. VII a.C., dando seu veredicto: “Que esses

descendentes de Perdicas, como os próprios afirmam, são gregos [*Hellenes*] de origem, é algo que eu estou em condições de afirmar e mostrarei” (HERÓDOTO. V, 22, 1). Estrategicamente, Heródoto evoca o fato de que os administradores dos jogos olímpicos também reconheceram a helenicidade de Alexandre I, já que para competir era necessário comprovar a ascendência helênica. Sabe-se, porém, que o aceite não deve ter sido oferecido sem alguma resistência, sugerindo a sintomática ambiguidade que caracterizava a posição dos macedônios para a Hélade. De acordo com Heródoto,

Os Gregos seus adversários na corrida queriam excluí-lo, com o argumento de que a prova não era aberta a concorrentes bárbaros, mas exclusivamente Gregos. Todavia, depois que Alexandre provou que era argivo de origem, consideraram-no grego; na corrida do estádio, ficou mesmo em primeiro lugar ex aequo. É esta a versão correta dos fatos. (HERÓDOTO. V, 22, 2)

Análise da narrativa

Heródoto não esconde seu posicionamento favorável à helenicidade dos macedônios. Desconhecemos as razões para tão enfática defesa. Impossível não conjecturar que o reino macedônio poderia ser bastante receptivo a artistas e a intelectuais gregos, oferecendo-lhes acolhimento condigno e boas remunerações. Nesse cenário, a possibilidade de que Heródoto tenha oferecido seu talento literário para apoiar o projeto de Alexandre como contrapartida não é nada desprezível, mas é só uma hipótese.

Também é impossível atestar a veracidade do relato, e tudo indica que não tenha lastro com a realidade. Plutarco, que posteriormente se dedicou a denunciar a malignidade, a *kakoétheia* do historiador de Halicarnasso, acusou Heródoto de ser *filobárbaro* (PLUTARCO. **Da malícia de Heródoto** 857 a). No prólogo de sua obra, Heródoto afirma que sua *historia* busca “que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas, realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros” (HERÓDOTO. I). Trata-se, portanto, de uma narrativa cujo compromisso não se radica no elogio indiscriminado da helenicidade, fato materializado na complexidade de suas proposições e sua variedade de interpretações. Certo é que o esforço de helenização dos macedônios se faz visível não apenas pelo julgamento que ele próprio

assina ao final da narrativa, mas pela construção de um enredo cujas marcas são profundamente gregas.

Nos primeiros passos do episódio, protagonizados por Amintas, Heródoto estabelece um padrão de receptividade (*xênia*) que, desde os mais antigos registros literários, é considerado um marco de distinção social. Escusado lembrar que, na **Odisseia**, há dois exemplos *sui generis*: o primeiro, quando da chegada de Odisseu à ilha dos feácios (Cantos VII e VIII), onde é recebido de maneira exemplar na comunidade considerada até mesmo utópica dado o profundo respeito hospitaleiro com que o suposto mendigo errante foi tratado. O segundo, quando o próprio Odisseu assume a voz da narrativa, inverte totalmente esse padrão. Referimo-nos à estadia do filho de Laertes na ilha de Polifemo (Canto IX), onde o ciclope recusa as responsabilidades que deveriam ser assumidas pelo anfitrião. Além de mantê-los cativos em sua caverna, não apenas deixa de oferecer comida, mas transforma os visitantes no alimento de seu ímpeto antropofágico.

Heródoto é bastante cauteloso ao descrever as primícias com que Amintas conduziu o banquete. Não foi ocasional o uso dos adjetivos *megaloprepés*, “magnífico”, “exímio”, para descrever o repasto, bem como *philophron*, “amistoso”, para designar a atitude do rei diante do acolhimento dos estrangeiros (HERÓDOTO. V, 18,1). Tais recursos buscavam valorizar, no âmbito da ação, uma maneira helênica de viver que seria praticada por Amintas. No entanto, as relações diplomáticas de submissão voluntária do rei ao Império Persa deveriam ser bem conhecidas pelos ouvintes de Heródoto, de tal forma que o simples elogio à sua conduta seria incapaz de alterar a posição que ocupava no imaginário dos atenienses e, quiçá, de boa parte das *póleis* gregas.⁴ Para justificar a situação de Amintas, Heródoto explica que o rei se submeteu aos persas por medo (V, 18, 3), e não por vontade.

Apesar disso, a decisão de Amintas permaneceria injustificável: o medo e o aceite da servidão seriam inadmissíveis em meio ao discurso em torno da liberdade que aflorou fortemente por ocasião das Guerras Médicas e que aparece metaforicamente representado no passo supracitado de Ésquilo. Para recrudescer a aproximação étnica dos macedônios junto aos povos helênicos, seria preciso substituir Amintas.

Para cumprir esse fim, Heródoto utiliza um expediente geracional, fazendo com que Alexandre, o próximo na sucessão, ocupe o lugar do pai corrompido. Parece bastante evidente a ideia de uma renovação do tempo

e das práticas a partir do jogo com as diferenças etárias. Assim que Alexandre entra em cena, Heródoto prontamente o caracteriza com o adjetivo *neos*, “jovem”, além de *kakónapathēs*, “inexperiente”, “sem conhecimento dos sofrimentos” (HERÓDOTO. V, 19, 1). Ele pede ao pai que leve em consideração a idade, *hélikia*, e se retire para seus aposentos. Ainda que em um espaço reservado, privado, circunscrito ao palácio, o que Heródoto faz é representar dois modos de agir radicalmente distintos, separados pela decisão de um jovem que arroga para si as competências de seu velho pai. Ainda que estivesse presente todo o tempo, Alexandre testemunhava tudo calado. Sua ação depende do prévio afastamento do pai, não apenas porque a Macedônia estava sob a autoridade de um único rei, mas porque a mudança que se instaura com o recolhimento do velho pode ser metaforicamente associada a uma transferência hereditária do poder. É precisamente esse passo da narrativa, ou seja, o diálogo entre pai e filho, que marca uma ruptura e serve de ensejo para advogar uma nova atitude dos macedônios em relação ao cenário geral da luta contra os persas: com Amintas, um passado de servidão; com Alexandre, um presente de resistência.

Para apresentar Alexandre a seus ouvintes, Heródoto mantém o padrão interdiscursivo como método. O objetivo, inegavelmente, era vingar a injúria cometida pelos persas que, na condição de hóspedes, não conseguiram respeitar os costumes e a autoridade dos anfitriões, além de assediarem as concubinas e esposas legítimas dos macedônios. É importante lembrarmos que

A dominação sexual das que portavam esse status, fosse ele legitimado ou não pelo casamento, era um particularmente poderoso símbolo de vitória, uma espécie de “segunda vitória”, tanto sexual quanto militar, sobre os homens de quem essas mulheres foram tomadas. Vitória como estupro e conquista como união sexual foram lugares-comuns na literatura grega. (CARNEY, 1996, p. 564)

Dessa vez, e de modo bem mais explícito, Heródoto evoca uma tradição literária helênica cujo primeiro registro também é encontrado na **Odisseia**. O sentido da narrativa é absolutamente semelhante ao fim apoteótico da epopeia e da retaliação aos pretendentes, que se aproveitaram da ausência de Odisseu para ocupar o palácio, consumir os bens, assediar as mulheres locais e, por fim, pleitear o matrimônio com Penélope. Odisseu, que tudo acompanhava à surdina, protegido pelo disfarce de mendigo, respondeu aos perjúrios com uma chacina exemplar. Os persas, da mesma forma, ocu-

param o palácio, desrespeitaram a hospitalidade oferecida e assediaram as mulheres. Alexandre, também através da tática do disfarce – no caso, de jovens imberbes vestidos como mulheres – deu ao ultraje o mesmo fim monumental. Assim, o filho de Amintas é literariamente associado a Odisseu, um dos heróis mais populares do ciclo troiano, conhecido e reconhecido em toda a Hélade.

Não menos emblemático é o uso do argumento de que Alexandre foi aceito para competir nos jogos olímpicos. Cabe recordar, com Gregory Nagy (1986, p. 6-7), que o estabelecimento do santuário de Apolo Pítico e do Oráculo em Delfos, e a instituição das colonizações organizadas e da proliferação do alfabeto concorreram, com os jogos olímpicos, para incrementar os esforços de intercomunicação entre as *póleis* e a tendência do pan-helenismo. À época – precisamente em 496 a.C. – os jogos representavam um dos espaços mais tradicionais de encontro das aristocracias *políades*: marcar sua presença era um recurso para *ver* e ser *visto* em um espaço onde a participação dos *bárbaros* era interdita, sendo, portanto, contrária àqueles que julgavam a Macedônia uma comunidade não grega.

A importância desse movimento deve ser situada em um cenário mais amplo de que Heródoto se apropria. Antes dele, há uma canção encomiástica bem conhecida, mas pouco explorada, assinada por Baquilides (Fr. 20B), que segue um propósito semelhante ao que observamos no discurso herodotiano. De acordo com Giuliana Ragusa (2012, p. 64), “Alexandre é, pois, inserido por Heródoto – e por Baquilides, bem antes – numa Macedônia marcadamente helenizada que assim se projeta”. Em relação aos jogos, em um fragmento de Píndaro (120 Snell) há também a menção da vitória de um filho de Amintas que, pelo contexto, só poderia ser Alexandre. Segundo Adams (2014, p. 335), “a vitória em questão foi conquistada em um dos maiores festivais atléticos pan-helênicos”.

O novo rei macedônio, filho de Amintas, não figura no registro de vencedores dos jogos de 496 a.C., questionando a afirmação de vitória, *agónizomai*, que Heródoto atribui a ele no estádio (HERÓDOTO. V, 22, 2). É possível que a vitória tenha sido outorgada por mérito, por equiparação, e não pelo desempenho atlético. De todo modo, independentemente do ocorrido, esse hiato entre a narrativa de **Histórias** e a provável realidade dos fatos pode significar mais um recurso do historiador para louvar o rei macedônio.

Considerações finais

O posicionamento de Heródoto em relação aos macedônios não é objeto de consenso historiográfico. Embora reconheça a veemência com que as “crendências” gregas de Alexandre são apresentadas, David Fearn (2007, p. 34) tende a identificar uma rusga entre os discursos e as ações do filho de Amintas, de modo que o relato ofereceria “uma crítica implícita de duplicidade do reino na política nacional [*sic*] e na estratégia militar, servindo também para colocar pressão adicional na suposta fixidez da oposição entre Gregos e Bárbaros”. Jonathan Hall (2001, p. 171), atendo-se exclusivamente à perspectiva cultural, julga que Heródoto decidiu situar os macedônios na fronteira conceitual do helenismo por ter tido conhecimento pessoal de seus costumes.

O tema da ambivalência étnica, como vimos, é uma tônica recorrente entre os analistas: “a despeito do que se acredite acerca da etnicidade dos antigos [...] não se pode assumir que os olhares macedônios foram idênticos àqueles da Grécia meridional” (CARNEY, 1996, p. 565-566). Em certa medida, há que se ter a cautela de não se deixar seduzir por um discurso etnocentrado que distingue as incoerências e heterogeneidades dos “bárbaros” da coesão e homogeneidade dos “civilizados”.

A despeito das interpretações possíveis, é difícil não reconhecer a dimensão política nos esforços de Alexandre. Trata-se, em nossa leitura, de uma ação diplomática crivada de discursos étnicos que mobiliza a seu favor as semelhanças culturais. Não se trata, portanto, de uma identidade ambivalente, mas sim do uso – neste caso, deliberado, ainda que em muitos casos se dê sem ser refletido – das possibilidades oferecidas pelas formações culturais macedônicas para assumir posições diferentes em função das contendas que lhe foram impostas, considerando neste caso que a submissão a Dario tenha concretizado uma aproximação cultural, excedendo a dimensão de simples domínio imposto pelos persas.

Essa leitura nos permite escapar das ciladas do substancialismo e do subjetivismo que, cada qual com seus meios e em seus respectivos campos, acabam por sujeitar os agentes a uma ambiência étnica sob a qual ele possui pouco influxo, seja pelos aspectos biológicos, seja pela assimilação simbólica. Em outras palavras, “aquilo que define as inclusões e exclusões que estabelecem tal fronteira [étnica] pode perfeitamente variar no tempo, em função de mudanças nas interações sociais internas e externas” (CARDOSO, 2005, p. 185). A negociação se justifica exatamente pela diferença

conceitual entre etnicidade e cultura, posto que “dois grupos sociais vizinhos, muito parecidos culturalmente, podem chegar a considerar-se completamente diferentes e excludentes do ponto de vista étnico” (CARDOSO, 2005, p. 186), do mesmo modo que grupos não tão similares podem valorizar os elementos que os agregam mais do que aqueles que os distinguem. Somente esse ponto de vista permite compreender como Heródoto, um historiador grego acusado de ser *filobárbaro*, pode manifestar seu apoio a Alexandre, para muitos um bárbaro com fortes tendências *filohelênicas*.

Documentação escrita

BAQUÍLIDES. **Odes e fragmentos**. Trad. Carlos A. Martins de Jesus. São Paulo: Annablume, 2014.

ÉSQUILO. **Os persas**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HERÓDOTO. **Histórias** – Livro I. Trad. José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Sousa e Silva e Carmen Leal Soares. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Histórias** – Livro V. Trad. Maria de Fátima Sousa e Silva e Carmen Leal Soares. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. **Histórias** – Livro VIII. Trad. José Ribeiro Ferreira e Carmen Leal Soares. Lisboa: Edições 70, 2002.

HOMER. **Homeri Opera in five volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1920.

PÍNDARO. **Pindarus** – pars altera: fragmenta. Ed. Bruno Snell. Leipzig: Teubner, 1964.

PLUTARCO. **Da malícia de Heródoto**. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edusp, 2013.

Referências bibliográficas

ADAMS, W. L. Sport, Spectacle, and Society in Ancient Macedonia. In: CHRISTESEN, P.; KYLE, D. G. (Eds.) **A companion to Sport and Spectacle in Greek and Roman Antiquity**. West Sussex: John Wiley & Sons, 2014, p. 332-347.

AUSTIN, M. M. Greek Tyrants and the Persians, 546-479 B. C. **The Classical Quarterly**, v. 40, n. 2, p. 289-306, 1990.

BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T. (Org.) **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000, p. 25-68.

CARDOSO, C. F. S. A etnicidade grega: uma visão a partir de Xenofonte. **Phoînix**, v. 8, n. 1, p. 75-94, 2002.

_____. **Um historiador fala de teoria e metodologia**: ensaios. Bauru, SP: Edusc, 2005.

CARNEY, E. D. Alexander and Persian Women. **American Journal of Philology**, v. 117, n. 4, p. 563-583, 1996.

ENGELS, J. Macedonians and Greeks. In: ROISMAN, J.; WORTHINGTON, I. (Orgs.) **A Companion to Ancient Macedonia**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 81-98.

FEARN, D. **Bacchylides: Politics, Performance, Poetic Tradition**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HALL, E. **Inventing the Barbarian**. Oxford: Clarendon Press, 1989.

HALL, J. **Ethnic identity in Greek antiquity**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2004.

_____. Contested Ethnicities: Perceptions of Macedonia within Evolving Definitions of Greek Identity. In: MALKIN, I. (Org.) **Ancient Perceptions of Greek Ethnicity**. Washington D.C.: Harvard University Press, 2001, p.159-186.

HARTOG, F. Première figures de l'historien en Grèce: historicité et histoire. In: LORAUX, N.; MIRALLES, C. (Orgs.) **Figures de l' intellectuel en Grèce ancienne**. Paris: Belin, 2000, p. 123-141.

LIMA, A. C. C. **Ritos e festas em Corinto arcaica**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MALKIN, I. Greek Ambiguities: between “Ancient Hellas” and “Barbarian Epirus”. In: _____. (Org.) **Ancient Perceptions of Greek Ethnicity**. Washington D.C.: Harvard University Press, 2001, p. 187-212.

MITCHELL, L. **Panhellenism and the Barbarian in Archaic and Classical Greece**. Oxford: The Classical Press of Wales, 2007.

NAGY, G. **Poetry as performance: Homer and beyond**. New York: Cambridge University Press, 1996.

RAGUSA, G. Afrodite nos simpósios de Baquilides e Píndaro. **PhaoS**, v. 12, n. 1, p. 61-77, 2012.

SILVEIRA, Mariana Duarte. **A imagem feminina na *Moralia***: heroísmo e outras virtudes. (Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2006).

¹ Ainda que observemos, com Lynnette Mitchell, que a palavra *pan-helenismo* é cunhada modernamente, apesar do uso corrente do termo *Panhellenes* desde Arquíloco, Hesíodo e, provavelmente, Homero (MITCHELL, 2007, p. 15).

² Trata-se, na verdade, de uma obra escrita com vistas à oralidade. Sabe-se que Heródoto lia ou recitava suas *Histórias* em público, fato que o aproximava dos rapsodos de acordo com Hartog (2000, p. 123-141).

³ Na verdade, vale frisar que o estatuto da mulher era decisivo para definir a interdição nos banquetes. Como observou Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (2010, p. 72), a presença de prostitutas sagradas (*hierodoules*) no rito de hospitalidade em Corinto era bastante comum. De acordo com o historiador, “essas cortesãs se entregavam ao culto de Aphrodite e, provavelmente, deveriam ser requisitadas, não somente em seu santuário, mas também em salas de banquete onde ocorria o ritual de hospitalidade aos estrangeiros que passavam pela *pólis* de Corinto. O termo *xenia* relacionado à atividade de *hierodoules* nos estimula a pensar estas prostitutas inseridas no ritual de hospitalidade”. É bem provável que a presença de esposas legítimas persas também fosse interdita em um contexto orgiaco. De acordo com Silveira (2006, p. 85), as esposas persas dividiam o repasto com o rei, mas cediam o lugar às concubinas quando os homens se embriagavam e buscavam se divertir. Há duas possibilidades para compreender a atribuição de tal comportamento aos persas: ou eles arrogaram a si esse costume com vistas a se aproveitarem do medo de Amintas, ou simplesmente se trata de uma visão etnocêntrica de Heródoto, que, por vezes, associa os persas a uma atmosfera de exotismo.

⁴ De acordo com M. M. Austin, “a lista de gregos ambiciosos que se aproximaram voluntariamente de Dario continua a crescer com o passar do tempo. Ela inclui, dentre outros, os chefes da Macedônia, Amintas e seu filho Alexandre I, que se submeteram após a expedição dos Citas” (AUSTIN, 1990, p. 305).